

Um sujeito criança como testemunha, protagonista e vítima do litígio familiar: uma abordagem psicanalítica*

Lenita Pacheco Lemos Duarte

Psicóloga, Pós-graduada em Psicanálise pela Universidade Estácio de Sá

Mestre em pesquisa e clínica em psicanálise pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - Brasil – Fórum Rio de Janeiro (EPFCL)

Psicanalista das Formações Clínicas do Campo Lacaniano – (FCCL) RJ.

Associada ao Instituto Brasileiro de Direito de Família - IBDFAM

* Trabalho selecionado pela Comissão Científica do IBDFAM para apresentação no V Congresso de Direito de Família, realizado em Belo Horizonte, no período de 27 a 29 de outubro de 2005.

Um sujeito criança como testemunha, protagonista e vítima do litígio familiar: uma abordagem psicanalítica¹

Introdução

Neste trabalho pretendo fundamentar de que modo o sintoma da criança se relaciona com a família. Em conexão com o Direito de Família, procuro sinalizar que, nos casos de separação conjugal litigiosa, ocorrem sérios problemas envolvendo os filhos quanto às questões de guarda, visitação, pensão e outras responsabilidades, uma vez que aí residem questões jurídicas de cunho objetivo, perpassadas por impasses e conflitos de ordem subjetiva, inconscientes, nem sempre de fácil entendimento e cuja atenção exige atendimento especializado. Em muitos casos, encontramos a criança como objeto de vingança e moeda de troca nas disputas judiciais entre familiares, sendo muitas vezes desconsiderado e anulado seu desejo e sua subjetividade, o que não ocorre sem conseqüências e sofrimentos para ela.

Como Freud postulou em *Mais além do princípio do prazer* (1920), a compulsão à repetição nas brincadeiras infantis expressa a tentativa da criança de elaborar situações traumáticas e de angústia. Com base nesse ensinamento e na observação de manifestações de angústia na experiência analítica, várias questões se impõem: O que se espera de um analista no atendimento de crianças envolvidas em litígios conjugais nos quais há um jogo perverso, em particular quando estão em cena familiares em conflito, exercendo as funções paterna e materna no lugar dos pais biológicos? Como abordar as reações da criança à situações que envolvem agressões verbais e físicas entre os familiares, por exemplo, quando o pai é designado pela avó paterna como “viciado, marginal, irresponsável e maluco” e a mãe de “exploradora”? Quais os efeitos desses ditos sobre a criança?

¹ Este trabalho foi apresentado no I Congresso de Direito de Família do Mercosul, em Porto Alegre, 2004. Publicado na Revista Marraio nº 9 - Formações Clínicas do Campo Lacaniano. Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2005, e no livro “A guarda dos filhos na família em litígio – Uma interlocução da Psicanálise com o Direito”. Lenita Pacheco Lemos Duarte. Rio de Janeiro: Lumen Juris Editora, 2006.

Diante da complexidade dessas situações, vale recorrer ao ensinamento de Lacan, de que o desejo do analista é um desejo separador, um desejo de diferença, um desejo que sustenta a análise e também “um desejo prevenido, que não pode desejar o impossível (Lacan:1998)”. Muitas vezes, o analista participa de situações familiares em que se verifica uma falha no simbólico, cuja ocorrência é a mola do trágico. Como ressalta Patrick Guyomard (1997), a tragédia se desenrola em um tempo de impasse, sustentada por uma pergunta sem resposta, ou seja, ocorre quando ninguém consegue propor uma solução que leve a uma comunhão de idéias para os impasses que se apresentam no cotidiano familiar.

Estudo de caso

Á luz das pontuações teóricas mencionadas, apresento neste artigo fragmentos de um caso clínico de um menino de sete anos, nomeado de Pierre Guido, cujos pais se encontram em processo de separação conjugal litigiosa há três anos. A decisão da Justiça sobre a guarda da criança estabeleceu a permanência com a mãe e visitas quinzenais com o pai. Coube a este último a responsabilidade de fornecer pensão alimentícia para o filho.

Dados das entrevistas preliminares

Pierre Guido chega ao consultório com sua avó paterna, para uma avaliação solicitada pela escola. Além de apresentar bloqueios no processo de aprendizagem e dificuldade de relacionamento, tenta compulsivamente tirar ou destruir os brinquedos de seus colegas. Também realiza atos obscenos, masturbando-se na frente de sua turma do colégio. Em seu cartão de identificação, em vez do seu nome, escreve o significante “piru”, o mesmo que escreve no quadro-negro de sua classe. Ao ser indagado sobre isso, diz que escreveu “pirô”. Sempre nega suas ações, como se não tivesse qualquer implicação nos episódios. Segundo a professora, “ele tira e destrói, das mais variadas formas, tudo que é mais precioso para os outros, chegando a rir da situação. Ele quer se exhibir, mesmo que tenha de desafiar a lei e as regras estabelecidas no grupo

social". Paralelamente, a escola demanda um contato urgente com um analista, mostrando-se impotente diante dos atos compulsivos e transgressores do menino.

Por força das circunstâncias advindas do litígio conjugal, esta criança tem mais de um referencial, uma vez que transita em vários contextos familiares, nos quais ocupa o lugar de um bem útil que traz inúmeros ganhos. É uma "nota promissória", como diz o pai ao explicar que Pierre porque mora com a mãe, o atual companheiro dela e o irmão do primeiro casamento materno, "garante" o sustento dessa configuração familiar. A mãe procura não se envolver com os atos do filho. Marca sessões com a analista, mas dificilmente comparece. Quando o menino tenta se aproximar do pai, aparecem suas críticas e proibições: "Eu não quero que ele fique com o pai além do fim de semana, porque atrapalha seus estudos". A avó, por sua vez, afirma: "A mãe não liga para o filho. Ela é uma interesseira. Se ele fica com o pai, não come direito, pois ele não consegue dar limites para o filho! O melhor é que fique comigo". Já a empregada que o leva às consultas diz que a mãe não tem tempo para lhe dar atenção, pois se tranca no quarto com o atual marido. O menino, sentindo-se abandonado, telefona chorando para o pai ou para a avó irem buscá-lo.

Nesse meio repleto de conflitos de interesses e demandas ambíguas e equivocadas, a avó paterna não aceita o fracasso escolar do neto. Atingida em seu narcisismo, fala de seu passado como brilhante professora. Inconformada, questiona: "Coloquei-o para copiar versos de Cecília Meireles e ele conseguiu ! Então, por que ele repetiu a alfabetização? Por que ele fica só se masturbando, apanhando e destruindo os objetos dos colegas, se tem tudo em casa?" Por que enterrou a mochila de um colega da escola, deixando todos ansiosos e, só após muita insistência, foi desenterrá-la? Continua: "O pai é um alcoólatra, um viciado, um marginal, um louco. Tem 45 anos, mas não trabalha desde os 25, é" um inconstante que dribla a lei, dando um péssimo exemplo para o filho. Ultrapassa sinais de trânsito e depois, em tom de desafio, diz ao filho, rindo: "Olha só a cara do guarda"! A mãe também não presta, é igual, doutora! Ela e meu filho acabaram com os bens da família, e eu pago dívidas deles até hoje, inclusive a pensão do meu neto. Estou cansada de todos abusarem de mim. O meu filho também é explorado, e o meu neto é extorquido, ele é uma cifra, uma "moeda de troca". Reclama, então, da escola, queixando-se que roubaram

de seu neto uma toalha em que ela bordara as iniciais do seu nome: P.G. , forma pela qual Pierre assina seus desenhos.

Ainda segundo ela, seu neto foi testemunha passiva de atos violentos entre os pais, que chegaram a mútuas tentativas de homicídio com armas de fogo e atropelamento. Tornaram-se um caso policial, com a abertura de vários processos judiciais. Seu pai chama insistentemente a ex-cônjuge de “piranha” e tentou surrá-la diversas vezes. Além disso, ainda segundo as informações da avó, o menino foi vítima de assédio sexual de babás quando tinha cerca de dois anos, e do irmão sete anos mais velho, que tentou introduzir o pênis no seu ânus quando tinha quatro anos de idade, tendo sido necessária uma intervenção médica, pois ficou machucado.

Em entrevista com a tia, irmã de seu pai, observamos que esta tem muito carinho pelo sobrinho, preocupando-se com sua saúde, educação e lazer. Pierre a admira e interessa-se por sua profissão ligada ao serviço militar. Certo dia, visitando seu local de trabalho, aproximou-se do general, dizendo “Eu sou também um federal!”.

Fragmentos de sessões de análise

No início de seu tratamento, embora nada falasse, Pierre, que na escola era considerado uma criança “burra, ladra e destruidora”, só pensava em vencer, ser o mico preto, o “herói” do jogo. No xadrez, visava dar xeque-mate na analista, executando jogadas de mestre, incompatíveis com seu baixo rendimento escolar. Várias vezes, no entanto, tentou desafiá-la driblando as regras do jogo. Queria vencer a todo custo, mesmo que para isso tivesse que burlar os limites estabelecidos.

Ao desenhar, riscava o papel com tamanha pressão que chegava a esburacar a folha, assim como deixava ver de que modo furava sua própria pele, pressionando-a com o lápis até se ferir, imprimindo marcas que evidenciavam dor e angústia. Auto-infligia-se com suas próprias mãos: feria o nariz, beliscava-se, roia as unhas das mãos e dos pés, mostrando-se incapaz de controlar seus impulsos destrutivos. Mas sinalizava a castração, ao dizer: “Não posso mais fazer nada. Veja Lenita, minha mão está machucada”. Perguntado sobre a razão desse comportamento, tentava

justificá-lo dizendo: “Foi o sofá que empurrou o lápis na minha mão, furando-a”. Ou então: “Foi o palito que fez isso”.

Pouco a pouco, então, Pierre começa a repetir na relação transferencial com a analista, o que fazia na escola e em casa. Afunda as pontas dos lápis de cor, tenta quebrá-los, jogá-los pela janela e quer levar, escondido brinquedos para casa. O outro é sempre o culpado pelo que faz, mesmo um objeto.

A questão da morte na história do “barco pesquisador e da sepultura”

Em análise, faz um livro de história sobre um barco de um escritor chamado NOA. Depois tenta fazer um barquinho de dobradura, nomeando-o PESQUISADOR. Impossibilitado de falar sobre a verdade da relação violenta de seus pais e de seu gozo, diz e mostra, por meio da repetição de seus atos, dos desenhos e do seu romance familiar, o seu desejo de “pesquisar-ador”. Conta que “Rindolfo, um índio escritor, trabalha no barco de pesquisa NOA e que ele foi ao mercado de peixe para ver a baleia morta, mas não a encontrou”. Continua: “Rindolfo queria encontrar a baleia morta, então chamou a polícia marítima para prender o responsável pela caça às baleias”.

A seguir, conta a história do menino “Pierre”, que morreu no carro que explodiu, para então desenhá-lo morto dentro de um caixão em um cemitério. Localiza um espaço entre gavetas e túmulos, colocando-se dentro do caixão no lugar do “morto”. Nessa história familiar, com direito a enterro, sepultura, caixão, padre e celebração de missa, toda a família participa do ritual fúnebre, inclusive o avô já falecido. Como “morto”, o analisante aponta para aquele que não fala, não escolhe e, portanto, não deseja.

Pierre também contabiliza o tempo todo, querendo insistentemente escrever até mil. Escolhe sempre a tinta marrom, esparramando-a sobre o papel e dizendo que é “cocô”. Lambuza as mãos, depois as imprime e corre para tentar sujar as paredes. Em seguida, deixa de lado o desenho, e joga no lixo o que fez. Dessa forma, parece se apresentar como o próprio cocô, o objeto que se oferece à demanda do Outro, simbolizando o resto, o dejetivo.

No presente caso, interrogo o sentido das atitudes do menino. Pierre bota o pênis para fora e se masturba diante de todos, desafiando a lei e gerando mal-estar. A professora não consegue controlá-lo, dividindo-se diante dessa cena repetitiva e compulsiva. O menino assume o lugar do falo² ou a sua posse, negando a castração? Ele tem o falo ou é o falo, como se faz apresentar no cartão de identificação?

Quando indagado sobre o “piru” escrito no quadro, diz: “Não foi piru, foi pirô!” O que é pirô?, pergunta a analista. “Ficou maluco”, responde. Quem é o maluco nesta história? Lembremos que a avó repete que seu filho é “maluco, louco”. Com que traço da figura masculina essa criança se identifica, já que seu pai é depreciado e humilhado por sua avó? O pai de Pierre depende dos bens maternos deixados por seu falecido pai para se sustentar, assim como para prover o filho. Do avô paterno, que morreu quando tinha um ano, Pierre Guido só escuta realizações construtivas. “Ele era uma ótima pessoa, muito responsável”. Preso nesses ditos, começa a investigar como era esse avô. Ao viajar com a avó para uma cidade do interior, passa a seguir cortejos fúnebres de desconhecidos. Foge diversas vezes para acompanhá-los, pedindo às pessoas que o levarem para observar a face do morto. Certa vez exclama em voz alta: “Olhem! Os olhos dele estão abrindo”!

Em face dessa situação, a criança retorna para casa, mas suas pesquisas não param. Continua fugindo para acompanhar enterros, e chega a pedir carona em um carro que levava um cadáver. Manuseia um crânio, onde coloca bilhetes. Conta para a avó sua brincadeira, que não acredita até ir ao cemitério e verificar, *in loco*, que era verdade. A mandíbula estava aberta e cheia de papéis. “Quando vi aquilo, corremos para casa”, ela me diz sorrindo e demonstrando prazer com a situação.

² Falo- é o significante do desejo que nos dá a sensação de estarmos vivos, de termos um sexo. Significante do ser vivo sexuado, do ser masculino. O falo é confundido com o pênis, mas este não é o falo. O pênis é o suporte imaginário precário do falo.

Considerações Teóricas

Por que essa criança não consegue aprender, mente e se masturba compulsivamente, além de provocar feridas em seu próprio corpo e apanhar e destruir objetos de colegas? Aparentemente, quer falar da dor, do sofrimento do qual é vítima. Sem consegui-lo, faz uso de atos destrutivos que servem para mostrar que atende ao desejo do Outro³, pois, situado na posição de objeto, é levado de um canto para outro; ora é testemunha, ora protagonista de uma história de violência em que se observam várias agressões físicas e verbais praticadas por seu pai e sua mãe, aos quais dirige sua demanda de amor. Paradoxalmente, precisa renunciar às suas pulsões agressivas e sexuais para conviver no grupo, mas tem de pagar um preço por isso (Freud:1930[1929]).

Pierre não deixa de apontar o “furo”, ou seja, o real, ao esburacar o papel, e sangrar seu próprio corpo. Qual o sentido de seus atos, de seus sintomas? Como lidar com o material advindo do litígio entre os pais? Estaria ele tentando dizer que o neurótico não quer saber do real da castração?

Os significantes “nota promissória”, “moeda de troca” e “cifra”, indicam um gozo familiar. Graças a Pierre Guido, o “capital” circula pela família, e todos tiram proveito dele. Por trás do significante PG o paciente se encontra como “morto”, desaparecido como sujeito. Paga o aluguel e a alimentação da família materna, cuja “fiadora” é sua avó. Quando manifesta o desejo de ficar com seu pai, a estrutura familiar se desestabiliza, pois a mãe reage ante a possibilidade de seu filho se afastar de sua casa e ela não ter mais como pagar suas contas.

Durante o tratamento analítico, após entrevistas de mediação com o pai, com a mãe e a avó e tia paterna, o menino passa a chamar pelo pai. Chora e pede a ele que o “adote”. O pai, então, volta-se para o filho, interessando-se por ele e o acompanhando nas brincadeiras e nas idas ao consultório e ao colégio. Por sua vez, a avó, doente e idosa, tem no neto a razão de viver, mas, paradoxalmente, exclama: “Sem mim, não sei o que seria do meu neto. Todos precisam do meu dinheiro!”. Todos, portanto, reagem em face da possibilidade de perder o falo, cujo lugar é

³ Para a Psicanálise, o Outro equivale ao lugar do código, tesouro dos significantes; é a mãe ou um substituto que ocupa primeiramente esse lugar para a criança.

ocupado pela criança. De um lado, seus sintomas cifram um nó de significações; de outro, trazem “cotas de gozo”, que geram lucros e benefícios secundários nas relações familiares.

Conforme as mãos de quem o manipula, de quem tem o controle da situação, principalmente o responsável por sua guarda, a realidade muda para essa criança. Ela está em um jogo de enganos, como uma carta marcada que permanece no lugar do morto. A criança, enfim, atendendo ao desejo do Outro, seja da mãe, do pai, da avó, permite que eles também gozem, deixando de ser alvo de amor para ser um bem útil à família do qual todos compartilham sob diversos aspectos. Residindo aí a aproximação entre a Psicanálise e o Direito, segundo a qual a noção de usufruto adquire o sentido de repartir, de compartilhar.⁴

Essa criança, então, precisa estar em algum lugar, como garantia de “cifra” de gozo. A avó precisa dele para continuar vivendo e gozando, e a mãe para se sustentar. Assim, é duplamente situada como o falo. Não é essa, afinal, a forma pela qual se identifica, nomeando-se como “piru”? Simbolicamente, quando tira de seus colegas objetos preciosos, trata-se de querer ter o falo que lhe falta, para atender às fantasias do desejo da avó e da mãe.

Em suas observações, a avó comete atos falhos, chamando o neto pelo nome do seu filho. Por vezes, esquece a diferença entre eles, confundindo-os. Ao ver seu filho no neto, repete com este o que fez com aquele. Não discute, paga tudo o que o neto destrói dos colegas na escola, assim como, “passou a mão” na cabeça de seu filho em nome do amor. Com o dinheiro, portanto, a avó dá conta dos atos “ilícitos” e tampa os “furos” deixados pelo neto, repondo-os com cifras e estabelecendo uma relação ambígua em que o ama, mas ao mesmo tempo o mantém em um lugar mórbido da estrutura familiar, aprisionando-o em seu desejo.

Durante o processo analítico, o menino constrói seu romance familiar, ou seja, cria mitos para expressar o que não pode ser dito e que é de estrutura. Inicialmente age sem refletir, sendo difícil esvaziar o seu gozo pelo simbólico, pelas palavras. Ele, então, enterra e desenterra objetos que parecem simbolizar a figura do avô, sempre presente na fala da mãe, da avó e da empregada. Mas quando começa a se deslocar dessa posição de desejo mortificado, ameaça;

⁴ Como indica Valas, P., Lacan retirou do Direito o termo gozo, para lhe dar um novo alcance, passível de ser estabelecido com base no testemunho que recebia de seus analisandos. “Se o Direito dá ênfase ao aspecto objetivo do gozo, a Psicanálise ressalta seu lado subjetivo”.

assim que começa a desejar, assusta a todos, que tentam manter suas formas conhecidas de gozar.

Levamos, então, a hipótese diagnóstica de neurose obsessiva, à luz da questão: estou vivo ou morto? Recusando-se a ter o “saber”, ou seja, não aprendendo na escola, mantém-se como o falo que completa o Outro. Apesar do seu destino mortífero, insiste em querer pesquisar. Quem sabe, o “morto abrirá os olhos”, e ele poderá então se deparar com seu próprio desejo, com a sua subjetividade, com a sua verdade. Quem sabe, o morto poderá falar, como sugerido pelos bilhetes que pôs na mandíbula encontrada no cemitério. De todo modo, o processo analítico tem oferecido a esse menino a possibilidade de ser ouvido em sua singularidade, bem como a de construir o deslocamento de uma posição subjetiva destrutiva, de impotência e mortificação do desejo como resposta ao litígio familiar, no qual ele pouco a pouco se torna capaz de esvaziar sua angústia e semidizer sua verdade.

**Um sujeito criança como testemunha, protagonista e vítima do litígio familiar: uma
abordagem psicanalítica**

Sumário

Introdução.....	1
Estudo de caso.....	2
Dados das entrevistas preliminares.....	2
Fragmentos de sessões de análise.....	4
A questão da morte na história do “barco pesquisador e da sepultura”.....	5
Considerações teóricas.....	7
Referências Bibliográficas.....	11

Referências Bibliográficas:

Alberti, Sônia e Elia, Luciano (org):. *Clínica e Pesquisa em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos Editora, 2000.

ALTOÉ, Sônia. *Infâncias: In: Clínica e pesquisa em em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos Editora, 2000.

DUARTE, Lenita Pacheco Lemos. Um sujeito criança como testemunha, protagonista e vítima do litígio familiar: uma abordagem psicanalítica in REVISTA MARRAIO – Formações Clínicas do Campo Lacaniano Rio de Janeiro – Desenvolvimento, estrutura e gozo II. Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2005.

_____. A guarda dos filhos na família em litígio – Uma interlocução da Psicanálise com Direito. Rio de Janeiro: Lumen Juris Editora, 2006.

FREUD, Sigmund. Mais além do princípio do prazer (1920) in *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1976.

Freud, Sigmund. Mal-estar na civilização (1930[1929]) in *Obras completas vol. XXI* – Rio de Janeiro: Imago editora, 1976.

GROENINGA, Giselle Câmara (coord.) *Direito de família e psicanálise – Rumo a uma nova epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GUYOMAR, Patrick. *O gozo do trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. *Conferências na UERJ. – transcrição*. Rio de Janeiro, 15/16 e 17/04 de 1997.

Lacan e o desejo do analista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996

JULIEN, Philippe. *O estranho gozo do próximo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p.360

_____. *O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. *O seminário livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. *Duas notas sobre a criança – carta à Jenny Aubry. Em: Opção Lacaniana n.º 21*.

QUINET, Antônio. *A descoberta do inconsciente – do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. *Marraio – da infância à adolescência – FCCL*. Rio de Janeiro. Rios Ambiciosos editora, 2000.

RINALDI, Doris. *A ética da diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____ e Jorge, Marco Antonio Coutinho. (org). *Saber, verdade e gozo*. Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos editora, 2001.

SIX, Jean-François. Tradução de Barbosa, Águida Arruda., Nazareth, Eliana Riberti., e Groeninga, Giselle. *Dinâmica da Mediação*. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.